Acervo ISA
QAR00604
Rio Negro

Com cartazes de propaganda, o governo do Peru tenta passar a outros países o título de campeão mundial na produção de folhas de coca

Toda a cocaína distribuída a milhões de consumidores espalhados pelo mundo sai das folhas de coca que só florescem no solo latino-americano

Especial

A frente ampla do pó

Militares da Bolívia, comunistas do Peru, empresários da Colômbia e índios do Brasil se unem a policiais no bilionário comércio da cocaína

A integração econômica da América Latina está começando por onde jamais se imaginou que pudesse começar — pelo comércio ilegal da cocaína. Esse tráfico, florescente desde que a droga entrou na moda internacional nos anos 70 e criou, só nos Estados Unidos, um mercado cativo de 6,5 milhões de consumidores, é hoje em dia a única atividade no continente onde estão associados, com os mesmos interesses, os militares da Bolívia, os comunistas de Cuzco, no Peru, empresários da Colômbia, índios brasileiros do alto rio Negro, no Amazonas, e uma multinacional de policiais corruptos, políticos nacionalistas e tecnocratas de governos democráticos e ditaduras.

Toda esse comunidade, tão eclética, participa em certa medida da prosperidade atual da cocaína, ou a defende. Nela, o caso mais notório é o do novo regime militar boliviano — há dois meses, quando o general García Meza tomou o poder num golpe de Estado, o governo americano denunciou que a quartelada brotara de uma conspiração entre generais de La Paz e traficantes de Santa Cruz de la Sierra. Isso não quer dizer que a droga tomou conta da Bolívia da noite para o dia. Muito antes de controlar a política, ela controlara a economia nacional — e sua evidência, agora, é apenas fruto da aberta ascensão de traficantes a postos-chave no poder. A pauta de exportações bolivianas soma cerca de 800 milhões de dólares. O tráfico de cocaína, este ano, movimentará mais de 1 bilhão de dólares.

A coca — o arbusto de cujas folhas se extrai a cocaína — é plantada legalmente na Bolívia por mais de 13 000 agricultores espalhados pelas províncias de Chapare e Los Yungas. Oficialmente, eles estão suprindo um mercado tradicional de *acullicadores* — os mastigadores de folhas de coca que são, aproximadamente, dois terços da população boliviana. A planta, um produto de consumo secular pela população da Bolívia, serve ao mesmo tempo como sedativo, complemento vitamínico, moderador do apetite, estimulante e antídoto para os efeitos da altitude nos Andes. Em nome desse costume, o governo sempre resistiu a pressões internacionais para erradicar a coca.

Com esse pretexto, são produzidas na Bolívia 25 000 toneladas de folhas por ano — mas o *acullicador* mastiga apenas um total de 6 000. O resto é transformado em pasta de cocaína e em cocaína pura, pelos laboratórios nominalmente clandestinos, e encaminhado por traficantes para o bilionário mercado mundial de entorpecentes. Esse entroncamento é a cidade de Santa Cruz de la Sierra, berço do golpe de García Meza *(veja a página 72)*, um oásis de cresci-

Acervo ISA

mento econômico num país com a economia praticamente estagnada desde que nasceu.

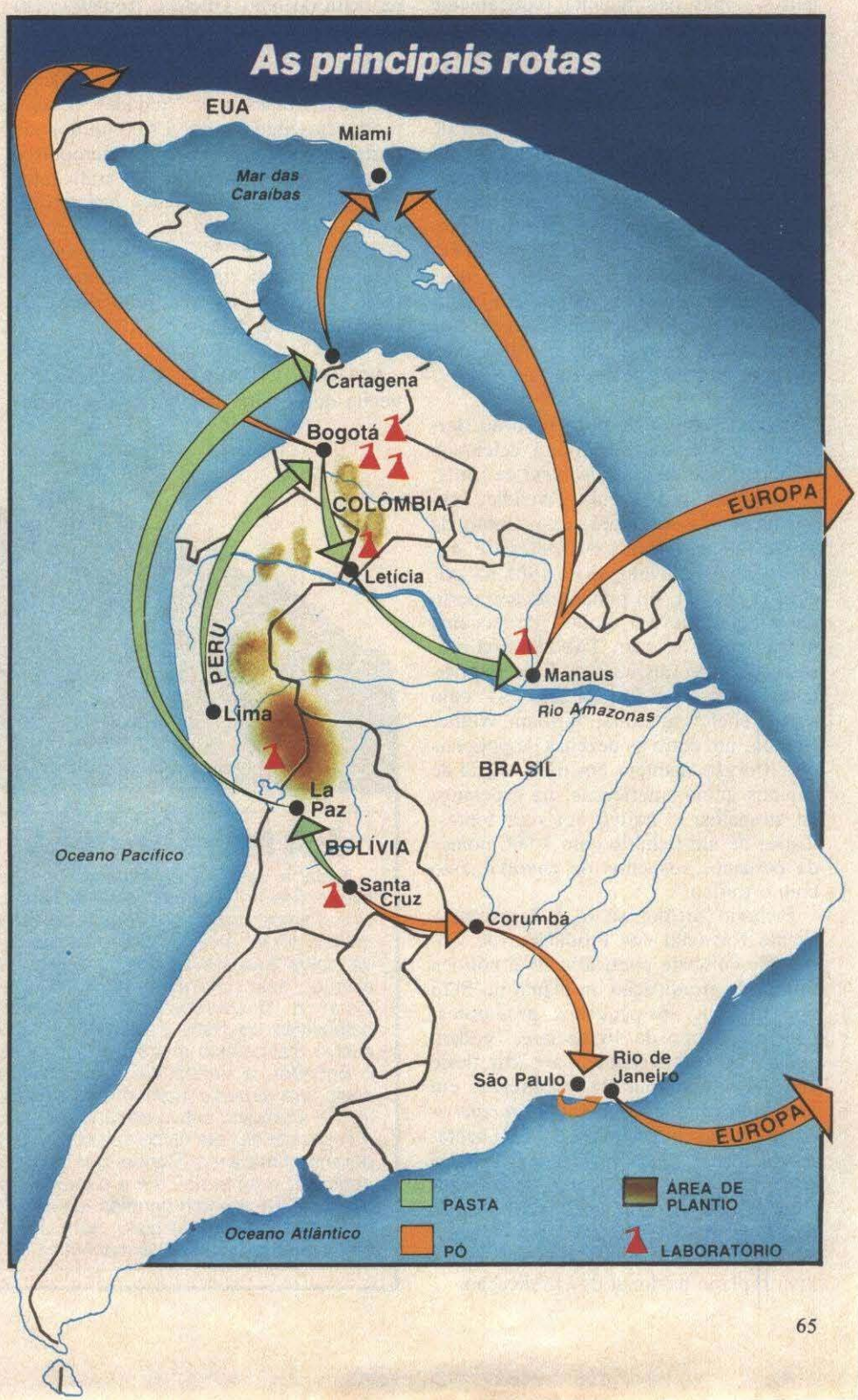
NOVA GERAÇÃO — Santa Cruz é um prodígio. Lá, a cotação do dólar é mais baixa que na capital, La Paz, porque jorra fácil dos bolsos dos traficantes. Em seu aeroporto, funcionam nada menos que 25 empresas de táxi aéreo, hoje em dia uma ferramenta de trabalho quase indispensável neste comércio — e seus 150 aviões de pequeno porte estão de prontidão para o contrabando de droga para a Colômbia e os Estados Unidos. Há aparelhos de TV em cores no comércio, embora o único canal de televisão boliviano só transmita em preto e branco. E a cidade tem, no catálogo telefônico, sobrenomes ilustres, como o da família Gasser — de origem suíça, que levou para Santa Cruz as primeiras refinarias de açúcar no começo do século e, em 1971, o general Hugo Banzer ao palácio do governo em La Paz.

A nova geração dos Gasser parece estar incluindo outro ramo em suas atividades de refino — além de açúcar, coca. Em maio, Roberto Gasser Terazza, herdeiro do clã e presidente da Câmara de Indústria e Comércio local, foi preso em Miami, a meca da conexão latino-americana de drogas nos Estados Unidos, com 300 quilos de cocaína na bagagem.

Em 24 horas, a família pagou a fiança — 1 milhão de dólares, em dinheiro e à vista — e Roberto escapou de volta a Santa Cruz. Por coincidência, éter e acetona, agentes da fabricação do açúcar, entram na química da cocaína. Mas trabalhar diretamente com o pó, para muitos latino-americanos, não chega a interessar na maior parte do tempo. O principal produto, no continente, ainda é a pasta de cocaína — preferida pelo traficante por ser menos suscetível de deteriorar nas condições precárias do transporte clandestino.

E transporta-se cocaína cada vez mais, hoje em dia, nas rotas mestras da América Latina — só para os Estados Unidos estão indo 25 toneladas por ano. Desde julho, decolam de Santa Cruz quinze aviões por semana levando pasta para Bogotá. Cada um leva cerca de 500 quilos. "Existem, só no Departamento de Santa Cruz, 600 pistas ilegais usadas pelo contrabando", confessou a VEJA o coronel Arzabe Claver, que até duas semanas atrás dirigiu o Departamento Nacional contra Substâncias Perigosas em Santa Cruz — um cidadão que servia chá de coca em seu gabinete e foi demitido exatamente no dia em que anunciou: "Dentro de seis meses, o narcotráfico terá desaparecido da Bolívia".

ÓTIMA IMAGEM — Tudo isso deu à Bolívia uma evidência que, a rigor, o país não merecia por sua importância estritamente econômica no mercado mundial da cocaína, um produto que só a América Latina fornece. No continente, o maior produtor de folha e pasta de coca é, de longe, o discreto Peru — onde tradições análogas às bolivianas garantem a existência de plantações legais de coca. Ali, existe mesmo uma empresa estatal — a Enaco — para vigiar as plantações e a comercialização da coca — que, teoricamente, deveria ficar nos limites estritos das necessidades da indústria farmacêutica e da química da Coca-Cola, que usa a folha, sem o alcalóide tóxico, para dar gosto ao refrigerante. E, também em contraste com a Bolívia, que há dois meses foi desertada pelos policiais americanos de



FOTOS MARCOS SÁ CORREA

Acervo ISA

repressão a narcóticos, no Peru o governo colabora religiosamente com o programa da Drug Enforcement Agency (DEA), do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, para o combate ao tráfico e erradicação dos "cocais".

Enquanto a Bolívia ganhou notoriedade pela escandalosa, quase pitoresca participação da coca na vida nacional, no Peru tudo se passa dentro de uma magnífica ficção de legalismo. Isso é ótimo para a imagem internacional do país — mas não adianta praticamente nada para o policiamento do comércio de drogas, que ali floresce como nunca. O país vive assim uma situação paradoxal, como resume em Lima o major Hugo Tello Infante, da PIP, a Polícia de Investigações: "O Peru é o maior produtor de coca do mundo, faz a melhor pasta de cocaína do mundo e tem a melhor lei antidrogas do mundo". Tello refere-se ao Decreto-lei n.º 22 095, obra do ex-presidente Morales Bermúdez — que, aliás, durante seu governo, teve a infelicidade de ter um filho capturado em Los Angeles, em maio do ano passado, com um carregamento de cocaína na mala.

MANIFESTOS — Como o filho de Bermúdez, há meses uma outra celebrada personalidade do *establishment* de Lima, o major-general Frank Tweddle, ex-presidente da AeroPerú, ex-membro da Junta Interamericana de Defesa e ex-interventor da revolução de 1965 na aviação comercial, foi pilhado no aeroporto de Lima com 5,3 quilos de cocaína numa maleta de mão. Tweddle está preso, esperando julgamento. Esse flagrante vai para o crédito da DEA — cujo agente-chefe em Lima, William Wetherington, um entre as dezenas de policiais que o órgão mantém em meia dúzia de capitais latino-americanas, na esperança de atrapalhar o tráfico em suas fontes, dispõe de um fichário com 3 000 nomes de peruanos suspeitos de envolvimento com o tráfico.

Fichário melhor só o da legalíssima Frente Nacional dos Produtores de Coca, que combate publicamente a política oficial de erradicação da planta no Peru — pela lei, só pequenos produtores, com o máximo de 10 hectares, podem conservar seus "cocais" a partir deste ano. A Frente publica manifestos em jornais em nome de 200 000 *cocaleros* — responsáveis por quase 90 000 hectares ocupados pelas plantações de coca no Peru. A categoria encontra-se em franca expansão: há seis vezes mais *cocaleros*, hoje, do que constava dos registros da Enaco em 1976, quando se engatilhou o plano nacional de erradicação.

No Peru, a droga não tomou o governo, mas disputa com ele metro a metro de terreno. Há três cidades no país — Paraiso, San Francisco e Cadipuchara — onde até hoje não se instalou qualquer autoridade federal. De vez em quando; a polícia peruana faz uma incursão num desses lugares, prende traficantes e destrói os poços de fabrico de pasta. Em seguida, como a própria polícia admite, o comando da vida local volta às mãos dos traficantes — que em Cadipuchara, na beira do lago Titicaca, fronteira com a Bolívia, têm até milícias próprias. "Dizem que essa gente possui até um canhão", conta o major Tello Infante. Somadas, essas três "cidades livres" produzem algo como 1 500 quilos de pasta de coca por mês e têm aeroportos próprios para entregá-la aos traficantes colombianos — os grandes intermediários do contrabando da produção da Bolívia, Peru e da própria Colômbia para os Estados Unidos, o mercado número 1, e os maiores refinadores de cocaína do mundo.

NOVAS FORTUNAS — A produção e a venda de cocaína geram, na Colômbia, inventariados com parcimônia pela Associação Nacional dos Agentes Financeiros, 460 milhões de dólares por ano. O verdadeiro total é provavelmente muito maior que isso — estimativas da polícia colombiana indicam algo como 2,8 bilhões de dólares. As cifras do tráfico, na Colômbia, são portentosas. Juntas, a cocaína e a maconha — que é o maior produto agrícola do país, à frente mesmo do café — geram prováveis 7 bilhões de dólares e criaram uma economia paralela que hoje representa 40% da economia oficial. Esse dinheiro — a "economia subterrânea" da Colômbia — provocou uma curiosa polêmica.

O governo, como anunciou o presidente Turbay Ayala no mês passado em San Andrés — curiosamente, uma ilha, no Caribe, que funciona como entreposto de contrabando entre a Colômbia e os Estados Unidos — incumbiu uma comissão interministerial de apurar a origem de novas fortunas no país, procurando atingir os negociantes de drogas. Mas a Anif, que já estudou esse mistério antes, vai em sentido exatamente oposto. No momento, esse severo cenáculo da finança colombiana lidera uma campanha para legalizar a maconha — e assim trazer à superfície pelo menos uma parte desse tesouro enterrado. "Esses narcodólares", segundo Semper Pizano, o presidente da instituição, "estão comprando consciências, campanhas políticas, juízes, hotéis, cassinos, restaurantes e empresas aéreas."

Pizano não está exagerando. Não menos que 25% das ações da Aero Condor, por exemplo, uma tradicional companhia aérea colombiana, pertencem a um traficante com firma reconhecida — Julio Calderón, de Barranquilla, a maior cidade da costa colombiana do Caribe, onde até os motoristas de táxi do hotel El Prado se prontificam a guiar excursões às casas dos traficantes. Enquanto dirigem, vão recitando nomes e endereços: "Calderón, Rua 76 com Avenida 58, Valdezblanco, Rua 67, Avenida 54, Enrique Coronado, Rua 59, Avenida 54..." Se o passageiro tiver uma encomenda, é só falar.

VERBAS SUSPEITAS — Se os endereços dos traficantes de Barranquilla são assim tão escancarados é porque eles conhecem os princípios vigentes do lugar onde estão morando. No ano passado, um chefe de polícia de Barranquilla comandou uma batida a essas mansões — e foi demitido por ordem do Ministério da

1-A folha de coca

Toda a cocaína do mundo sai das plantações de coca da América Latina. Nos últimos dez anos, apesar de uma política oficial de erradicação patrocinada pelos Estados Unidos, a planta se alastrou pelo continente. Há 1 000 quilômetros quadrados de plantações ostensivas no Peru e na Bolívia, e o cultivo clandestino invadiu a Colômbia, o Equador, a Venezuela e o Brasil. A coca, um arbusto menor que o café, imune a pragas, nativo de terras áridas, é capaz de dar até cinco safras por ano durante trinta anos. Rende, por isso, ao agricultor o triplo do café e o quádruplo do cacau — mesmo vendida legalmente, a 400 cruzeiros o quilo, para a Coca-Cola ou a indústria farmacêutica.

2-A pasta básica

O traficante de entorpecentes paga pelo quilo da folha de coca pelo menos o dobro — 800 cruzeiros — da cotação oficial. E compra, diretamente do produtor, dois terços da produção do Peru e Bolívia. Na própria região de plantio, a folha é transformada num concentrado — a pasta de coca — que reduz seu peso em cinqüenta vezes facilitando o transporte clandestino. O processo é rudimentar: o agricultor ou um intermediário cava um buraco no chão, impermeabiliza-o com plástico e nele dissolve a folha com querosene e ácido sulfúrico. Um quilo de pasta custa no Peru o equivalente a 70 000 cruzeiros. Na Colômbia, onde se refina a cocaína, pode valer sete ou dez vezes mais.

3-A cocaína

A Colômbia, embora pequena produtora de coca, fabrica com a pasta contrabandeada do Peru e da Bolívia mais de 40% da cocaína comercializada ilegalmente no mundo. O Peru, maior produtor de folhas, fornece ao tráfico outros 25% da cocaína e a Bolívia, pouco mais de 12%. A droga colombiana, um sal refinado por laboratórios clandestinos em Bogotá, Medellín e outras cidades importantes do país, vale cerca de 1,5 milhão de cruzeiros o quilo. A maior parte dessa droga se destina aos Estados Unidos, onde 70% da cocaína entra pela Colômbia. Nos últimos doze meses, apreenderam-se na Colômbia mais de 5 toneladas de cocaína pura, no valor de 7,5 bilhões de cruzeiros.

4-O tráfico

De jato, Bogotá está a duas horas de vôo de Miami. Mas, no trajeto entre a Colômbia e a costa da Flórida, a cocaína contrabandeada para os Estados Unidos multiplica seu custo por dez. Nas mãos dos atacadistas do tráfico de entorpecentes americanos, 1 quilo de cocaína vale o equivalente a 14 milhões de cruzeiros. O transporte é tão lucrativo que paga despesas fabulosas — como a compra de aviões de carga pelos traficantes — e fez surgir um surto de pirataria marítima no Caribe: os contrabandistas roubam iates e barcos pesqueiros para levar maconha e cocaína até a Flórida. Depois, deixam as embarcações à deriva.

5-A Máfia nos EUA

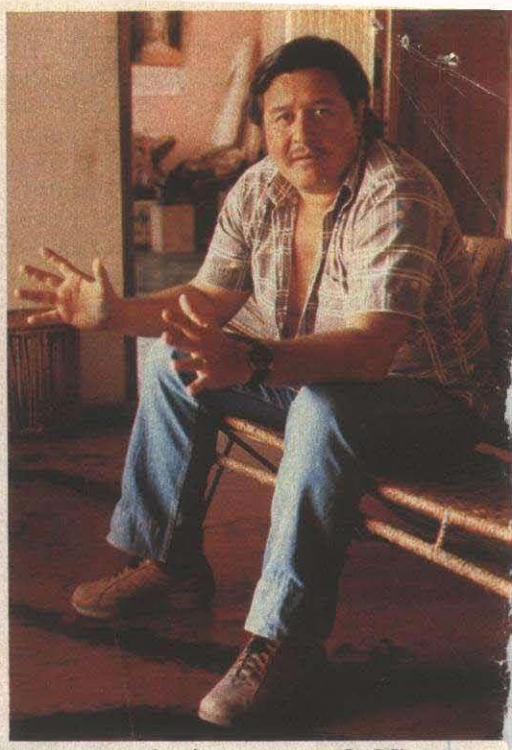
No mercado americano, a distribuição da cocaína ao consumidor é controlada pela Máfia. E sua rede faz milagres com o pó trazido puro da Colômbia. Ele é misturado com bicarbonato de sódio, amido, ácido bórico — tudo o que tiver aparência de cocaína — e chega às ruas com seu índice de pureza reduzido a 10%. Por esse coquetel de pós brancos, o viciado desembolsa aproximadamente 80 dólares — ou 4 600 cruzeiros. Isso significa que, do momento em que saiu da Colômbia, o preço do pó cresceu quase 500 vezes — o suficiente para custear todas as despesas do tráfico, inclusive o suborno de alfândegas e as perdas do transporte. No último ano, o contrabando abandonou 300 aviões em aeroportos clandestinos da Colômbia.

DESENHO MILTON R. ALVES

Acervo ISA

FOTOS MARCOS SÁ CORREA

A afluência da coca: o Toyota novo à porta da palhoça



Prato: casa de zinco e carro de Miami

Defesa. Nesse Ministério, está hoje um grave adversário do tráfico, o general Luiz Camacho Leyva. Mas, como sempre parece ocorrer com tantas autoridades latino-americanas, também ele tem problemas na família: seu irmão, o funcionário da embaixada americana Alfonso Leyva, foi preso em junho com 1,5 quilo de cocaína. Há meses, a Procuradoria da República fez um levantamento sobre o envolvimento dos políticos com a droga. O único resultado é uma discussão que até hoje não acabou no parlamento, na qual todos os partidos se acusam mutuamente de ter recebido verbas suspeitas nas últimas eleições, em maio.

Não poderia mesmo ser muito diferente, com bilhões de dólares, milhares de empregos e um estilo de vida em jogo. O *boom* da cocaína no mercado americano — que gasta com o pó 13,5 bilhões de dólares por ano, um quarto da dívida externa brasileira — encontrou, na década passada, os colombianos prontos para assumir o controle do mercado. Eles já eram os vendedores de maconha aos americanos. Há 50 000 colombianos em Miami — e em Miami, segundo o senador William Proxmire, presidente da comissão de bancos do Senado americano, seis em cada dez bancos movimentam contas de traficantes. Hoje, no sul da Flórida, qualquer operação bancária acima de 6 000 dólares feita por clientes não tradicionais tem que ser registrada no Banco Central americano, que por sua vez passa a informação ao Departamento de Justiça. Afinal, no mercado de tóxicos dos Estados Unidos, circulam, por ano, 54 bilhões de dólares.

LINHA DIRETA — Os colombianos ensinaram aos vizinhos latino-americanos a rota do tóxico. E ensinaram tão bem que, há dois meses, chamou a atenção da Polícia Federal brasileira, em Manaus, a súbita dedicação das tribos Maku e Uanapixuna, fixadas na fronteira com a Colômbia, ao cultivo do "ipadu". Colheram-se amostras do "ipadu": era a coca que chegava ao Brasil. Os índios estavam trocando o produto por moto-serras com os colombianos. Caiu em julho um bimotor em Moura, na Amazônia, com 500 quilos de cocaína. Era de matrícula colombiana. Uma semana depois, apreendiam-se 74 milhões de cocaína refinada em Manaus. Na quadrilha, havia 43 colombianos. E assim se descobriu que o Brasil acabava de entrar, sempre pelas mãos dos colombianos, no caminho da cocaína para a Europa, que consome cerca de 14% da produção do continente, ou como despiste das rotas que levam aos Estados Unidos.

A linha direta, em certos casos, já ficou conhecida demais — a DEA sabe inclusive que o vôo 908 da Braniff, entre Bogotá e Miami, é o preferido dos traficantes. É preciso, portanto, estar sempre em busca de novos caminhos. Agora, uma parte da droga colombiana desce pelos rios da Amazônia até a cidade de Leticia, na fronteira com o Brasil.

O comitê de Tingo María registra os *cocaleros*

"VERDE MAR" — A complexidade do tráfico e a inventividade dos traficantes — que já usaram um ex-presidente peruano, Bustamenta Rivero, para levar inadvertidamente cocaína para Los Angeles — convenceram os Estados Unidos de que um remédio eficiente é atacar o mal na raiz. Ou seja, é preciso combater a droga nas próprias roças dos *cocaleros* latino-americanos em vez de tentar capturá-la em seus infinitos pontos de entrada nos EUA. É aí que age a DEA, com a formidável incumbência de patrocinar o estancamento das fontes de entorpecentes pelo mun-